

## O mundo digital e sua lógica não-linear

Denize Piccolotto Carvalho<sup>i</sup>, Jimi Aislan Estrázulas<sup>ii</sup> & João Bosco Ferreira<sup>iii</sup>

**Resumo:** Existe uma tendência dentro dos estudos de comunicação em perceber a saturação de informações como problema principal da pós-modernidade. No entanto, as maneiras como as informações se apresentam deixarão de ter um sentido linear e seguir a lógica: emissor/meio/receptor. As informações se tornaram mais complexas e difusas, suas emissões são *multipessoais* e independentes; e a lógica desse mundo novo composto por uma saturada rede informacional obedece a um sentido diferente da linearidade do homem *Gutenberguiano*. Tudo isso proporcionado pelo meio Digital. É na variação daquilo que McLuhan denominou meio como mensagem, que este artigo se propõe a revisar o novo meio digital como modo não-linear de percepção, capaz de deslocar a ótica problemática da quantidade de informações recebidas para a qualidade com que esses dados são processados e transformados em juízos. No mundo do meio digitalizado e disperso o homem ainda persegue a linearidade na informação.

**Abstract:** A trend exists inside the studies of communication in to perceive the saturation of information as principal problem of the post modernity. Nevertheless, the ways since the information appear they stopped making a sense linear and follow the logic: broadcasting/half/recipient. The information became more complex and diffuses, its emissions plural personal and independent, and the logic of this new world composed by a saturated net informational obeys a different sense of the linearity of the man Gutenberguiano. Everything it provided by the Digital midi. It is in the variation of that one that McLuhan I name way as message, which this proposes to checking the new digital way as way not - linear of perception, capably of dislocating the problematically optics of the quantity of information received for the quality with which this information is tried and transformed into judgments. In the world of the digitized and dispersed way the man still chases the linearity the information.

**Palabras-chave:** Lógica informacional; Medio digital; McLuhan.

**Key-words:** Informational logic; Digital midi; MacLuhan.

### INTRODUÇÃO

O avanço da digitalização dos meios de comunicação de massa, até este momento da história em que prevalece a quantidade de informações disponíveis, transcende a capacidade humana de armazenar todas essas informações.

Alguns autores, como Todd Gitlin (2003), creditam à “torrente informacional” saturada o tom *frankfurtiano* sobre esse processo digital. O fato é que há uma disponibilidade incalculável de informações, proporcionadas pela mídia digital e difundidas, cada vez mais, pelo acesso à rede mundial de computadores (*Internet*).

Gitlin (2003) afirma que um dos efeitos que essa comunicação saturada gera é a alienação. Não se pode negar que o excesso é condenável como todos os excessos o são,

mas será que o alto fluxo informacional é o único responsável pela insensibilidade que ronda os nossos dias? É possível que a simples banalização das notícias de violência na televisão dirija a sociedade para mais violência?

É interessante trazer à luz algumas das controversas teorias de McLuhan, já relidas, para verificar como o *modo* de decodificar essas informações, sobretudo na realidade digital que nos cerca, configura-se em efeito negativo da comunicação.

Paradoxalmente, vamos nos valer de toda a sorte de argumentos lógicos de alguns campos científicos e levantar um grupo axiomático bastante considerável para, justamente, questionar a lógica perceptiva.

No início dos anos 1960, McLuhan lançou o livro *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico* declarando que a linearidade da tipografia condicionou a visão de mundo do homem.

O condicionamento ocorre através da sucessão linear imposta pela impressão que transpôs ao homem uma leitura linear e reducionista do mundo. Tomando essa obra em separado, as ideias ficam vagas e sem sentido científico.

Foi justamente este o ponto mais criticado de McLuhan, transformando suas teorias em meras especulações futuristas e desbancando o teórico para a categoria de ensaísta. Contudo, vamos tramar algumas teorias sobre o fato da difusão tipográfica.

Quando McLuhan (2005) lançou a polêmica tese de que o meio é a mensagem, ele inferiu que toda mensagem para ser decodificada leva consigo características do meio, tão intrínsecas que nos passam despercebidas, pois “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduziu nas coisas humanas.” (McLUHAN, 2005, p. 22).

No caso da prensa *gutenberguiana*, o que houve foi uma difusão do sistema alfabético, o qual para McLuhan condicionava uma série de comportamentos humanos.

Com o alfabeto fonético, o conhecimento classificado tomou o lugar do conhecimento operacional de Homero e Hesíodo e da enciclopédia tribal. Desde então, a educação por dados classificados tem sido a linha programática no Ocidente. (McLUHAN, 2005, p. 11).

Com a difusão de prensa de Gutenberg (e em seguida suas constantes modernizações), a sociedade ocidental experimentou muitos movimentos científicos.

Segundo McLuhan (2005), esses movimentos foram decorrentes da mudança do padrão de pensamento tribal, que era coletivo e passível de mitos:

Para entender estes efeitos, precisamos ver a alfabetização como tecnologia tipográfica, aplicada não só à racionalização dos processos de produção e de exploração do mercado, como também às leis, à educação e ao urbanismo. Na Inglaterra e na América, os princípios de uniformidade, continuidade e repetibilidade derivados da tecnologia da impressão tipográfica há muito que já penetraram em todas as camadas da vida comunal. (McLUHAN, 2005, p. 337).

A potencialidade deste processo permitiu uma série constante de questionamentos do indivíduo frente à vida.

Historicamente, a Reforma protestante é consequência da imprensa, o Iluminismo consequência da reforma e a difusão das ciências exatas e toda forma matemático-racional de explicar o mundo uma consequência mais genérica de toda a sociedade pós-Gutenberg.

Ao entender este contexto, generalista, volta-se o foco para o saldo social que restou de toda esta equação histórica: a sistematização do método racional nas mais diversas áreas.

As ciências exatas de Newton, o positivismo de Comte, a filosofia do conhecimento em Hume e a propagação do conhecimento humano se apoiaram no paradigma da escrita e partiram para as mais diversas áreas.

E, independente do assunto abordado (da área do conhecimento humano), a lógica linear alfabética foi, nas palavras de Kuhn (1993), paradigma<sup>iv</sup> das mais diversas áreas humanas. A lógica linear do alfabeto é ainda modelo para todas as ciências, inclusive as sociais.

Se observarmos atentamente o período posterior à imprensa e anterior ao meio digital percebemos uma interseção lógica baseada no pensamento linear.

Toda a forma de explicar o mundo passa por essa percepção fundada na consecutividade das coisas. “Penso, logo existo” disse Descartes, um dos maiores defensores da racionalidade, o que nos propõe que a sequência de fatos possíveis e explicáveis leva à compreensão do mundo e do próprio indivíduo.

O ponto de partida foi a criação do alfabeto, mas a potencializadora de todo esse processo de sistematização racional foi a imprensa. Assim como a lógica alfabética é

pontualmente construída, a racionalização começa a desconstruir o conhecimento para explicá-lo.

O materialismo histórico de Marx vai justificar essa fragmentação no conceito de divisão social do trabalho apontando como consequência a segmentação da sociedade, separando trabalho manual e intelectual, trabalho industrial, comercial e agrícola; campo e cidade.

Segundo Marx (2003), a partir dessas grandes divisões ocorreram outras dentro da sociedade. Na continuidade do pensamento marxista, chegamos à explicação da superestrutura em que:

São os homens que produzem as suas representações, as suas ideias etc., mas os homens reais, atuantes, e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e do modo de relações que lhe corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar. [...] Não têm história, não têm desenvolvimento; serão antes, os homens que, desenvolvendo sua produção material e as suas relações materiais, transformam com essa realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos deste pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. (QUINTANEIRO *apud* MARX, 2003, p. 37).

O condicionamento social não é marca exclusiva de Marx. Durkheim também vai tratar do tema através dos dois tipos de consciência, uma individual e outra coletiva (grupal).

A psicologia é outra área das ciências humanas que se preocupou com o paradigma social, através da distinção do inconsciente pessoal, do inconsciente impessoal.

Chamamos este último de inconsciente coletivo, porque é desligado do inconsciente pessoal e por ser totalmente universal; e também porque seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte, o que obviamente não é o caso dos conteúdos pessoais. (JUNG, 1993 p. 58).

Há uma mesma ideia central na base dos diversos conhecimentos humanos, sejam eles exatos ou sociais, que é o método. Como todo conhecimento é produzido na sociedade e difundido por ela, parece claro que obedecer à lógica mais utilizada é requisito primordial para fazer ciência.

Estar na sociedade é aceitar inconscientemente os paradigmas que ela nos impõe, social ou psicologicamente. Thomas Kuhn (1993) já havia dito que a sociedade científica lida com os paradigmas para testá-los, prová-los e difundi-los.

O fato é que o meio escrito criou todo um ambiente de possibilidade de existir. Se puder afirmar que todo o tipo de conhecimento fragmentário segue a lógica da escrita é porque o meio impôs à mensagem sua forma de propagar. Independente da mensagem.

A decodificação dessa linearidade não escolhe poemas, ideologias ou sequências matemáticas, ela ocorre da mesma forma. Uma das críticas que McLuhan faz aos cientistas sociais é a inaptidão em considerar os meios de comunicação de massa como atores sociais:

Ligados que estão à tecnologia industrial (Partido Comunista Russo) do século XIX como base da libertação de classes, nada pode ser mais subversivo para a dialética marxista do que a ideia de que os meios linguísticos moldam o desenvolvimento social tanto quanto os meios de produção. (McLUHAN, 2005, p. 68).

Os meios de comunicação de massa foram sendo modificados pela tecnologia. A cada transformação, o meio de comunicação também operava modificações sociais e alterava o relacionamento social.

O que estou querendo dizer é que os meios como extensões de nossos sentidos estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida em que se inter-relacionam. (McLUHAN, 2005, p. 27).

O telégrafo ampliou nossa capacidade presencial, através da instantaneidade da escrita. A viagem para levar uma mensagem do emissor para o receptor começa a transformar nossa concepção de espaço e tempo.

Timidamente, o homem começa a tomar consciência desse fenômeno e as transformações sociais decorrentes do meio perpassam para a sociedade. Contudo, a lógica para compreender a mensagem segue a escrita linear.

O rádio estende a audição e amplia o campo telegráfico, mas mantém a ordem linear, até mesmo por uma questão fisiológica: mesmo possuindo dois ouvidos nossa capacidade de sintetizar a mensagem ouvida é única (uniforme).

Sequencial e lógico, o rádio permaneceu com a mesma estrutura linear imposto ao sistema nervoso central que a escrita imprimia. A percepção humana foi prolongada e modificada, mesmo em pouca intensidade.

Com o advento da televisão, a linearidade começa a ser quebrada, timidamente, por dois pontos. O primeiro era a estrutura audiovisual, que interferia em mais de dois sentidos simultaneamente.

O segundo foi a extensão da experiência do telespectador para outras culturas. O choque entre duas culturas distintas desloca do eixo linear individual e estimula o questionamento social. Os meios que seguiram à prensa de Gutenberg mantiveram a linearidade comunicacional.

O telégrafo, o rádio e a televisão trazem modificações sociais importantes. Comportamentos sociais são modificados, ideias são difundidas, conflitos são reformulados e a humanidade passa por transformações conforme o sentido é alterado pelo meio.

Essa ideia de meios como extensões do homem creio ter sido muito bem esgotada por McLuhan, exceto pela mídia digital e a televisão. McLuhan inferiu que a televisão seria o grande transformador social, mas não pôde viver o tempo de perceber que a Internet não seguiu a ordem “prevista” e aglutinou não só a televisão como os outros meios num processo de convergência midiática.

Até o meio digital, o transporte das informações é seguido por um ritmo de emissão lógico e contínuo nessas transformações, mesmo quando perpassa nossa percepção de espaço, prolongando nosso tato pela televisão ou nossa audição pelo rádio, as mensagens são impregnadas da lógica linear.

As mensagens se sucedem dentro da mesma estrutura do meio transmissor que é incapaz de transmitir mensagens simultâneas. Outra lógica que segue é a do sistema comunicacional, em que um grupo definido emite, através de um meio, para um grupo receber.

Contudo, com a digitalização dos meios de comunicação, observa-se uma nova lógica social, diretamente ligada ao meio ambiente criado para se propagar que não é linear. Para seguir no raciocínio é necessário investigar as características do meio digital e *como* ele se propaga frente ao binômio emissor/receptor.

O meio digital potencializou esse processo não-linear. Aqui vale uma ressalva sobre o meio digital: digital é tudo aquilo que cerca, nas palavras de Negroponte<sup>v</sup> (2002), “a

superestrada da informação, que nada mais é do que o movimento global de bits sem peso à velocidade da luz”.

O bit é uma unidade de informação numérica que não tem cor, peso ou tamanho. É um estado de desligado ou ligado, transformado numericamente para os dígitos um ou zero. Além da informação (bit) propriamente dita, o mundo digital tem uma gama de aparelhos que permitem o processo comunicacional ser concluído. São captadores que convertem a informação em bit, transmissores para a difusão desses bits e decodificadores para a recepção.

O que diferencia o meio digital é justamente a ideia de toda e qualquer informação poder ser transformada em bit e transmitida à velocidade da luz em vários canais diferentes.

Ao analisar a saturação de informações atuais, é necessário compreender que além da pluralidade de equipamentos aptos a decodificarem as informações digitais, existem possibilidades de perceber a mesma informação, porque ao ser digitalizado, só existem duas formas de receber os bits: ligado ou desligado.

Essa simplificação leva a uma sobreposição das informações quanto ao modo de apresentação.

Ao criar a tese de que os meios são as mensagens, McLuhan chama atenção para o modo como essa mensagem é passada, numa alusão clara ao modo como perceberemos essa mensagem.

A percepção influi na decodificação. A decodificação acontece pelo meio ambiente midiático criado. Percepção não se resume em receber a informação, mas ao modo como a elevamos da primeiridade à terciridade da semiótica peirciana.

O meio cria um novo meio ambiente. Assim como a escrita, potencializada pela galáxia de Gutenberg, criou a forma linear de lermos o mundo, o meio digital, potencializado pela internet, criou a forma não-linear de recebermos o mundo.

Mesmo sem conhecer a internet, McLuhan (2005) adiantava algumas considerações tão trabalhadas pelos estudiosos da comunicação acerca do espaço-tempo, somente pelo conhecimento do meio elétrico:

Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central. [...] As extensões elétricas de nós mesmos simplesmente contornam o espaço e o tempo, criando problemas sem precedentes de organização e envolvimento humanos. (McLUHAN, 2005, p. 61 e p. 125).

Não é difícil compreender o acerto de McLuhan quanto aos efeitos da comunicação digitalizada, pois ela é, no princípio, impulso elétrico. A grande modificação que o meio digital proporcionou foi a transformação de qualquer meio material em meio digital (nas suas formas representativas).

Essa simples asserção já garante que a lógica foi questionada, pois a percepção é alterada para além do plano real, numa dimensão denominada virtual.

Quando Einstein lançou a teoria da relatividade (depois reformulada para restrita), diferenciando os referenciais e relativizando alguns princípios antes estanques, como o tempo, o primeiro momento foi negar porque os novos conceitos trabalhavam com novos paradigmas, novos referenciais.

Dentro do mundo virtual, as teorias de Einstein, inclusive no que tangem dimensões diferenciadas, tomam mais sentido porque dentro da comunicação o referencial mudou e, com ele, o sentido único da mão dupla comunicacional.

Ao analisar a sintaxe digital, percebe-se que a pluralidade de vozes emissoras já não segue a lógica única das grandes mídias. A participação, ainda que inicial, dentro deste universo é mais aberta e possível, o que quebra o monopólio da informação.

Quando o monopólio informacional é transposto, a pluralidade de vozes eleva as possibilidades de percepção. Quando há um tema ou um fato, podem-se encontrar não duas, mas milhares de opiniões expressas por palavras, sons e imagens.

O universo multimeios quebra a sequência de informação porque muitas vezes alguém tirou uma fotografia (comum em aparelhos de telefonia móvel), outra pessoa gravou um depoimento e alguém escreveu uma história acerca do mesmo fato.

A notícia, como toda estrutura informativa, está sobreposta em níveis (dimensões), projetada fragmentadamente. O principal decodificador digital ainda é o computador.

O acesso às informações através dele é difuso. Os *softwares* de operação do computador trabalham com essa possibilidade. O principal deles reflete isso no próprio nome: *Windows* (janelas).

O usuário do meio digital está diante de uma possibilidade de ler o mundo descontinuadamente. São opções de acesso que podem, matematicamente combinadas, resultar em muitas possibilidades de entendimento e a utilização dessas *janelas* descontínuas de acesso torna-se cada dia mais lógica dentro do nosso cotidiano.



Com a convergência dos meios, potencializada pelo meio digital, os fatos se sucedem intermitentemente e o tempo acelera, pois se dimensiona e se sobrepõe. O meio digital se tornou um catalisador social, porque acelera os processos sociais, sejam processos revolucionários ou científicos.

No que McLuhan chamou de implosão, a aceleração do processo individual encontra limites fisiológicos, na capacidade de assimilar a informação; culturais, como modelos para comparações culturais; e sociais, no isolamento social através da coletivização do “meu mundo”.

Gitlin (2003) vai trabalhar com essa ideia de *meu mundo* dentro da sociedade, quando dentro de um ônibus as pessoas sentam-se lado a lado, mas estão inertes no seu tocador de músicas digital.

Não há relação social no momento, há uma animalização do homem quanto companheiro e a música projetada para satisfação pessoal eleva o individual para além do coletivo.

Durkheim afirma que na medida em que o indivíduo participa da vida social, supera-se a si mesmo.

Com a possibilidade de levar o *meu mundo* para qualquer lugar (seja pelo aparelho musical, telefone móvel, *laptops*, etc.), a participação social parece ter entrado em colapso no campo da representação pública real, e o indivíduo supera o social em detrimento de si mesmo.

Hoje, me faço mais presente no mundo virtual e isso é minha vida social. Numa busca incessante pela felicidade, o homem aprende que o *seu mundo* parece mais vivo do que o mundo onde vive.

A convergência midiática aumenta a percepção de saturação de informações, isso porque hoje não se dispõe apenas de quantidade de fatos, mas também de pluralidades de visões sobre o mesmo fato.

Um dos melhores exemplos desse universo não-linear é o telefone móvel que aglutinou a tecnologia digital, não transmitindo apenas sons, mas dados.

Num único aparelho, hoje de fácil locomoção (pesam alguns gramas apenas), o indivíduo leva todo o seu mundo, em forma de todos os contatos, suas recordações em fotografias, momentos em vídeos, acesso à internet e a qualquer informação possível, possibilidades lúdicas, gravações em voz (de repente da aula em que estava presente) e, sobretudo, sua ligação direta com o mundo através de um telefone.

Qual é a lógica presente num telefone móvel? Linear apenas ela não é. Essa confluência tecnológica tem repercussão social justamente pela contraposição do modo de entender o mundo. McLuhan (2005) já dizia que:

Quando os dados se alteram rapidamente, a classificação é por demais fragmentária. Para dar conta dos dados em velocidade elétrica e em situações características de ‘sobrecarga da informação’, os homens recorrem ao estudo das configurações. [...] Hoje, o jovem estudante cresce num mundo eletricamente estruturado. Não é um mundo de rodas, mas de circuitos, não é um mundo de fragmentos, mas de configurações e estruturas. O estudante, hoje, vive miticamente e em profundidade. Na escola, no entanto, ele encontra uma situação organizada segundo a informação classificada. (McLUHAN, 2005, p. 11).

Esse conjunto de paradigmas que a mecanização da escrita imprimiu à sociedade permanece sendo difundido, até hoje, nos bancos escolares. Uma das principais críticas feitas à educação atual é a estrutura mantida desde o século XVIII.

O mesmo formato, poucas mudanças curriculares, avaliações semelhantes, enfim, o mesmo tipo de pensamento fragmentário ensinado naqueles tempos é ensinado hoje: sequencial e lógico.

David Hume (1999) indicou que não há causalidade assinalada em qualquer sequência, natural ou lógica, pois a sequência é meramente aditiva e não causativa.

A lógica linear não está errada, nem teria a pretensão de sugerir isso, mas a nossa percepção já se encontra um passo à frente dessa linearidade e necessita de complemento.

O interessante nas obras de McLuhan é o modo como ele se põe frente à mídia, afirmando que os efeitos da tecnologia não ocorrem nos níveis das opiniões e dos conceitos.

Eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência. Por isso afirma com tanta veemência que *o meio é a mensagem*, porque sabia que o meio cria um meio ambiente de percepção.

Durante quase quatro séculos, a lógica linear foi fixada no inconsciente coletivo, tornando a sociedade especializada e fragmentada. Por isso, as transformações dos meios de comunicação, mesmo estruturando novas percepções humanas, podem manter a síntese fragmentada.

Contudo, a convergência das mídias em um meio digital modificou o processo perceptivo e alterou a estrutura de decodificação. O fenômeno que alguns chamam de saturação, outros de alienação, McLuhan (2005) chama de narcose:

Com a despreocupação nietzscheana, começa a rodar o filme de sua explosão de 2.500 anos de frente para trás, embora ainda desfrute dos resultados da extrema fragmentação dos componentes originais de sua vida tribal. É graças a esta fragmentação que ele se permite ignorar as relações de causa e efeito entre a tecnologia e a cultura. (McLUHAN, 2005, p. 303).

O indivíduo, que foi educado para entender um mundo fragmentado, vive numa sociedade classificada, teve sua estrutura de trabalho dividida, começa a perceber uma realidade diferente da teoria e vê crescer a incerteza de um mundo comunicacional em forma de mosaico.

A convergência das mídias criou o híbrido ímpar de todos os tempos que é o meio digital. Para além da Internet, a televisão digital promete revolucionar as relações sociais ao sobrepor, numa única banda de frequência de uma emissora, a possibilidade de transmitir até quatro canais diferentes.

Mas a concepção da televisão digital é o meio digital e sua sobreposição já existe no computador. O rádio digital, já em processo de implementação no Brasil, trará as mesmas possibilidades, porque o meio é o mesmo.

Todos eles partem da mesma pluralidade de informações e de formas de acessá-las, enquanto o indivíduo sucumbiu ao modo de entender todo esse turbilhão tecnológico e suas transformações. Isso porque foi alfabetizado pelo pensamento fragmentário do século XIX.

No campo da decodificação informacional, torna-se interessante mesclar as questões físicas do meio digital com a semiótica de Charles Peirce, até porque, segundo Lúcia Santaella, “há raízes lógicas que determinam a constituição de todo e qualquer sistema de signos”<sup>vi</sup>. Não traria grande contribuição desmistificar o processo linear do meio sem compreender o processo não-linear do indivíduo.

Santaella (2000) trabalha as questões *peircianas*, dentro da sua semiótica, com ênfase nas noções de gradação da mente, em primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeiridade se restringe ao campo dos sentidos (sentimentos); a secundidade, ao campo da experiência (reação); e a terceiridade ao campo da razão (mediação).

Ao entendermos que a comunicação obedece a esses princípios significativos, acrescenta-se o indivíduo como interpretante em relação a outros dois vértices de triângulo formado por objeto e signo.

A elevação de uma informação do nível primário ao estado de *consciência* depende, em primeira instância, da realidade que cerca o social ou, nas palavras de Santaella (2000), de raízes lógicas.

Aqui reside a base da divergência entre o mundo mosaico e a lógica da escrita. As estruturas da sociedade estão se modificando rapidamente, com base no novo meio digital.

As informações se multiplicam em números quantitativos, mas principalmente em percepções (pontos de vista diferentes) qualitativas e formam estruturas sobrepostas e acessíveis da maneira que o indivíduo deseja.

O indivíduo nasce e cresce numa estrutura fragmentada e linear. Recebe toda essa carga social pela escola e se confronta com o mundo, como o próprio McLuhan previu.

A sua lógica linear está desenvolvida para receber o estímulo perceptivo de um objeto (primeiridade), confrontá-lo com suas experiências (secundidade) e decodificá-lo conforme sua estrutura, ou paradigma (terceiridade).

Com um mundo organizado e classificado, o caminho para essa elevação significativa parece simples. O mundo mosaico reconstrói uma estrutura complexa e dispersa, com a pluralidade que o meio digital possibilitou.

Cada vez que o homem se encontra diante de um obstáculo aparentemente intransponível ele recua; faz uma regressão, para usar a expressão técnica. Recua ao tempo em que se encontrava numa situação parecida e tentará empregar novamente os meios que outrora lhe haviam servido. (JUNG, 1993, pp. 68-69).

Regressar a um nível anterior significa voltar à secundidade e não elevar o conhecimento ao nível da razão.

Parece uma proposta *frankfurtiana* acreditar que o homem possa regressar ao estado de não-pensamento. Mas a realidade do mundo mosaico leva o homem a ficar num estado suspenso entre a secundidade e a terceiridade.

Weber (2003) foi quem melhor explicou essa situação de suspensão ao cunhar o termo *conhecimento acessível*:

A crescente intelectualização e racionalização não indicam, portanto, um conhecimento maior e geral das condições sob as quais vivemos. Significa mais alguma coisa, ou seja, o conhecimento ou crença em que, se quiséssemos, poderíamos ter esse conhecimento a qualquer momento. (QUINTANEIRO *apud* WEBER, 2003, p. 132).

A pluralidade de conhecimento leva o homem à arrogância de acreditar que o simples fato de ter esse conhecimento acessível torna-o livre para escolher quais informações elevar ao nível da razão.

O discurso seria o de “não desejo saber como isso funciona agora, mas quando quiser posso recorrer às explicações lógicas e não à mitificação do assunto.

Haverá uma teoria que explicará o fato, dessa forma, juntar experiências, aglomerando informações e fatos da vida cotidiana, leva à ilusão de que há explicação para os fatos da vida, mesmo sem conhecer tais fatos, tornando-se dispensável o seu aprofundamento nesse instante.

Voltamos à questão inicial de propor o deslocamento do problema comunicacional da saturação para o *modo* como o indivíduo se coloca perante a informação. Tudo isso apoiado pelas teses de McLuhan (2005), de que o homem tipográfico foi condicionado pelo meio, o que o leva à proposta de que o meio é a mensagem.

O meio digital trouxe a pluralidade de vozes, uma diáspora do monopólio emissor/receptor, subjuguou as mídias clássicas ao seu modelo de conversão de mensagens e criou um mundo complexo para analisarmos.

As informações estão dispersas em dimensões distintas e sobrepostas. Não há uma definição sobre a verdade em termos de valoração, certo/errado, bom/mau. Há um mundo multifacetado disponível a quem tem acesso a ele.

Esse acesso só aumenta a cada dia, seja pela redução de custos dos equipamentos, seja por programas de inclusão social. Fato esse que Gitlin (2003) já distinguia como efeito da saturação, mas que vimos ser fruto do meio que se sobrepôs à vida real, à vida virtual.

Com efeito, as sociedades, virtual e real, são distintas em termos físicos, mas iguais em termos simbólicos. Torna-se ilógico imaginar que “tenho duas vidas, como se estivesse dissociado da minha própria existência. Mas sou o mesmo indivíduo, a mesma mensagem, atuando em meios diferentes”, como já refletia Jung (1993), nossa vontade é uma função dirigida pela reflexão; logo, ela depende da qualidade da nossa reflexão. A reflexão – a verdadeira reflexão – tem que ser racional, isto é, sensata. Mas já foi

provado, ou será possível provar algum dia, que vida e destino concordam com a nossa razão humana ou são racionais?

Da mesma forma, só o método lógico e linear pode ser usado como resposta ao mundo que vemos diante do meio digital?

A construção lógica está enraizada no nosso inconsciente coletivo, mas o meio digital extraiu, num grau mais elevado, a idiosincrasia, o que leva a crer que a lógica linear deva sofrer uma transição para essa estrutura macro formada pela convergência midiática.

## CONCLUSÃO

Assim como o mundo se mostra multifacetado, cremos que nossa resposta para ele deve manter essa lógica não-linear. Se for difícil delimitar fronteiras dentro da superestrutura digital, como podemos estabelecer paradigmas estanques como resposta ao meio? Talvez a melhor resposta passe pelo que Joshua Meyrowitz (2001) chamou de analfabetismo midiático, numa releitura para analfabetismo digital. Explicar o mundo de forma fragmentada é uma parte do todo, mas que hoje é única no sistema de ensino. Saber que informação está disponível não é suficiente, mas saber *como* ela está disponível talvez seja o início de uma possível solução.

## REFERÊNCIAS

BORDENAVE, J. D. (1997). *O que é Comunicação*. 22ª ed. São Paulo: Brasiliense.

BULIK, L. (2002). Na órbita da galáxia de Gutenberg. In: *XXV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICACIÓN*, 25, 2002, Salvador. Anais eletrônicos. São Paulo: Intercom. Disponível em: <[http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18621/1/2002\\_NP1bulik.pdf](http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18621/1/2002_NP1bulik.pdf)>. Acessado em: 25 abr. 2007.

CONNOR, S. (2000) *Cultura Pós-moderna*. Tradução Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola.

DOWBOR, L. et al. (2000). *Desafios da comunicação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

GITLIN, T. (2003). *Mídias sem limites: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- HUME, David. (1999). *Tratado da natureza humana*. Trad. Débora Danowski. São Paulo: UNESP.
- JUNG, C. G. (1993). *Psicologia do Inconsciente*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes.
- KUHN, T. S. (1992). *A estrutura das revoluções científicas*. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva.
- LANDAU, L; RUMER, Y. (2005). *O que é a teoria da relatividade?* 1ª ed. Tradución Giorgio Moscati. São Paulo: Hemus.
- LIMA, R. L. R. de. (2003). As teorias da leitura aplicadas ao texto. *Revista PEC*, vol. 3, nº 1, Curitiba, 2002/2003. Disponível em: <[http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista\\_PEC\\_2003/2003\\_teorias\\_leitura\\_apli\\_cada\\_texto.pdf](http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_teorias_leitura_apli_cada_texto.pdf)> Acessado em: 22 jan. 2007.
- MASI, D. de (org.) (1999). *A sociedade Pós-Industrial*. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac.
- MARTINS, M. H. (org.) (2000). *Rumos da Crítica*. São Paulo: Editora Sencil.
- MCLUHAN, M. (1972) *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. s/Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 20ª ed. São Paulo: Cultrix.
- MCLUHAN, M. FIORE, Q. [1969?]. *Os meios são as mensagens*. Rio de Janeiro: Record.
- \_\_\_\_\_. [1971?]. *Guerra e paz na aldeia global*. Rio de Janeiro: Record.
- MEYROWITZ, J. (2001.) As múltiplas alfabetizações midiáticas. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 15, 2001. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/15/a09v1n-15.pdf>> Acessado em: 27 abr. 2007.
- MOUILLAND, M. (2002). *O Jornal: da forma ao conteúdo*. 2ª ed. Organização de Sérgio Dayrell Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- NEGROPONTE, N. (2002). *A vida digital*. 2ª ed. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras.
- PEIRCE, C. S. (1977). *Semiótica*. s/ed. São Paulo: Editora Perspectiva.
- QUINTANEIRO, T; BARBOSA, M. L. de O; OLIVEIRA, M. G. M. de. (2003). *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG
- SOUSA, J. K. L. L. (2004). Segunda Geração da Teoria do Meio: a contribuição de Meyrowitz. In: *XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA*

*COMUNICACIÓN*, 27, 2004. Porto Alegre. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em:  
<<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17273/1/R0428-1.pdf>>. Acessado em: 19 fev. 2007.

SOUSA, J. P. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2ª ed. revista e ampliada. Porto. 2006. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementosteoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>> Acessado em: 25 abr. 2007.

---

i Denize Piccolotto Carvalho é professora da *Universidade Federal do Amazonas*, do Departamento de Artes. Doutora pela *Universitat de les Illes Balear - ES*, en Educació el área de Tecnología Educativa. [dplevy@ufam.edu.br](mailto:dplevy@ufam.edu.br)

ii Jimi Aislan Estrázulas é graduado em Jornalismo pela *Universidade Federal do Amazonas* e mestrando em Comunicação pela *Universidade Federal do Amazonas*. [jimiaislan@hotmail.com](mailto:jimiaislan@hotmail.com)

iii João Bosco Ferreira é professor da *Universidade Federal do Amazonas*, do Departamento de Comunicação Social, com mestrado em Sociedade e Cultura.

iv Segundo Kuhn, paradigmas são "... as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência." (Kuhn, 1992, p. 13)

v Nicholas Negroponte é fundador do Media Lab, laboratório de multimeios do *Massachusetts Institute of Technology* e autor do livro *Vida Digital*.

vi SANTAELLA, Lúcia. *Três Institute of Technology* e autor do livro *Vida Digital.matrizes da linguagem-pensamento*. In.

MARTINS, Maria H. (org.). *Rumos da Crítica*. São Paulo: Editora Sencil, 2000. p. 121